

## **Nem dourado, nem pintado. Aqui, só lambari!**

Rodrigo Costa

Descendo uma ribanceira, por pequenos degraus talhados na terra batida, chego às margens do Córrego do Pisca. Por falta de chuva, em alguns pontos é possível observar o fundo. Em certos momentos o mau cheiro incomoda, mas tenho facilidade para andar pelas margens porque o mato está rasteiro. Observo que alguns metros à frente há uma saída de esgoto. A água, nesse trecho, tem a coloração marrom opaco, sem vida.

Era por volta das onze da manhã. Embaixo de um grande bambuzal, sentado à beira do ribeirão, o pescador Antonio Ruiz explica com muito orgulho que seu sobrenome é de descendência espanhola. Sobre a pescaria, atividade que realiza quase todos os dias, pergunta com um leve sorriso: “Fazer o quê em casa, um aposentado de 70 anos?”

Ruiz é mais conhecido por Jagunço. A origem do apelido, ele desconhece, mas presumo ser por sua fisionomia carrancuda. O pescador conta que quando é chamado pelo nome não responde, porque está mais acostumado com o apelido.

Descalço na beira do córrego, usando um boné de campanha política, bermuda laranja e camisa pólo verde, o pescador que de início estava de cara amarrada, após algum tempo de conversa se torna uma pessoa agradável, simpática e atenciosa. Sobre a pescaria por enquanto mal sucedida, Ruiz diz que é preciso ter paciência, mas que já pegou “um”. E para provar, retira de um pequeno isopor um lambari de cerca de 10 centímetros e peso desconhecido.

Parece terapia: Ruiz realiza movimentos repetitivos com sua varinha de bambu, jogando-a e retirando-a da água, para tentar atrair os peixes.

Além do pequeno lambari, garante que no Córrego do Pisca há também outras espécies como tuvira, tilápia e cascudo, mas salienta que só aparecem quando o córrego está mais cheio. Segundo ele, as épocas boas para pescaria são dezembro e janeiro.

Por morar logo em frente, em uma humilde casa, Ruiz, quando não está trabalhando como marceneiro, passa o dia pescando. Só retorna para o lar quando cai a tarde.

O pescador fala a todo o momento, e com muito carinho, do córrego. Às vezes, me parece que não está se referindo ao mesmo lugar que agora observo.

Humilde, mas generoso, nos dias em que a pesca é boa Ruiz organiza um churrasco para os amigos e familiares. Quando pergunto se devido ao esgoto não é perigoso comer o peixe, responde com firmeza: “Nesse ponto a água é limpa. Há anos como esses peixes e nunca morri por causa disso”.

Passada a hora do almoço, nenhum foi fígado, a não ser o pequeno lambari. Pergunto se Ruiz iria interromper a pescaria para almoçar. Naquele momento percebi um ar de tristeza. Como não tinha pescado nada, nada teria para o almoço. Mas ele sabe que amanhã será um novo dia.